

EDITORIAL

O fechamento desta edição representa dupla satisfação: aquela própria da conclusão de uma tarefa de acordo com o planejado; a segunda porque a meta alcançada significou o prosseguimento a um duro e elogiável trabalho de reestruturação da Revista. Os cuidados se justificam, pois, um periódico vinculado a uma instituição reconhecida precisa se constituir como foro respeitável para debate entre pesquisadores e pesquisadoras.

Para tanto, a equipe organizadora desta edição empreendeu seus esforços para selecionar textos que garantissem a máxima coesão possível em relação ao tema proposto para o dossiê. Foram energias despendidas com um quê de regozijo devido aos sinais de receptividade pela comunidade acadêmica, demonstrados pelo envio de quantidade significativa de textos relevantes. Por isso, agradecemos às autoras e aos autores que nos confiaram seus trabalhos: dois deles propõem entrecruzamentos da literatura com a música, um voltado à poética de Caetano Veloso na representação da cultura e da identidade nacional em “Haiti” e, o outro, à adaptação de “O navio negreiro” pelo rapper Slim Rimografia, tendo como finalidade a proposição de uma sequência de letramento literário com base na Lei 11.645/2008. Também está voltado para a área do ensino o artigo que examina “A menina Vitória”, de Arnaldo Santos, e Infância, de Graciliano Ramos, enquanto relatos autobiográficos que remetem aos estudos da língua sob a perspectiva da superioridade do português europeu em relação ao do Brasil e de Angola.

Há outro eixo temático formado por trabalhos direcionados a obras de escritoras negras que se destacam por quebrar barreiras e silêncios. É o caso do artigo que se refere a “três Marias”: Carolina Maria de Jesus, Margarida Maria de Souza e Maria Conceição Evaristo Brito. Já a escrita de Conceição Evaristo foi motivo para o desenvolvimento de mais três trabalhos, um a partir do conto “Maria”, o segundo sobre o consagrado Ponciá Vicêncio e, por fim, o que analisa aproximações entre a brasileira, a estadunidense Ntozake Shange e a moçambicana Noêmia de Sousa pela perspectiva da resistência à opressão de gênero, raça, etnia e classe.

Compõem ainda este número dois trabalhos que se dedicam a obras distantes quanto à época de aparecimento e díspares quanto ao ponto de vista pelo qual o negro é representado literariamente, pois um analisa a obra poética do pernambucano Valdemilton Alfredo França, morto precocemente em 2007, e o outro tem por objeto *O cortiço*, para muitos a produção

mais representativa do naturalismo brasileiro. Em certo sentido, a fidelidade à escola estética da qual o romance se apresenta como porta-voz diminui sua resistência à passagem do tempo, porém aqui serve de caminho para identificar certas afinidades com a poesia de França, exatamente por fazer eco às teorias filosóficas que apregoavam a superioridade das etnias brancas em relação às de origem africana.

Os mesmos princípios teóricos inspiraram a concepção de república no Brasil e fundamentaram estudos que se refletiram na difusão de ideias em favor do branqueamento da população brasileira. Usadas para estimular a discriminação ao negro até a década de 1930, as teses da superioridade racial justificaram a facilitação para o ingresso de trabalhadores europeus no Brasil. A consequência foi a marginalização das populações negras e o mascaramento de mecanismo de silenciamento e apagamento de seus problemas, suas vivências e suas tradições culturais. Como voz que denuncia e se ergue contra essa situação no cânone da literatura brasileira que a poesia de França é analisada.

Assim reunidos, estes trabalhos permitem cogitações sobre problemas graves que envolvem um contingente enorme da população brasileira formado por mulheres e pessoas que se consideram negras. De acordo com o censo oficial, tanto no que se refere à etnia quanto ao gênero, os dois segmentos formam a maioria, porém, no que se refere a direitos básicos, em ambos os grupos é minoritário o número de quem os têm plenamente assegurado. A violência, em suas diversas formas de manifestação, é elemento de degradação que torna invisíveis milhões de pessoas, no Brasil e no mundo. Assim, um volume destinado à divulgação de estudos que tratam da literatura afro-brasileira, apresenta-se também como um manifesto diante de tais problemas.

Inara de Oliveira Rodrigues
Paulo Roberto Alves dos Santos
Organizadores